

Beltrão desiste mas confirma o seu apoio ao vice-presidente

por Riomar Trindade
do Rio

O ex-ministro Hélio Beltrão desistiu de disputar a indicação de seu nome como candidato a presidente da República na convenção do PDS. A decisão, anunciada ontem, no Rio, em entrevista coletiva, tem por objetivo fortalecer a candidatura do vice-presidente Aureliano Chaves, que já conta com o apoio público do ex-presidente Ernesto Geisel. Beltrão disse que comunicou sua decisão, "fruto de muita reflexão", a Aureliano Chaves às 11 horas de ontem, mas preferiu, por uma questão de ética, não descrever a reação do vice-presidente da República. Amanhã, Beltrão participará da solenidade de lançamento da candidatura de Aureliano, em Belo Horizonte.

"Dentro da configuração atual do quadro sucessório e das limitações impostas pelo processo indireto, não vejo espaço nem condições para disputar a preferência dos convencionais do meu partido. Se me dispusesse agora a postular votos dentro desse quadro — o que até hoje (ontem) efetivamente não fiz —, estaria apenas contribuindo para dividir o apoio ao nome de Aureliano Chaves, o que não desejo", disse Beltrão



Hélio Beltrão

aos jornalistas, repetindo o texto de uma nota escrita previamente.

Beltrão advertiu, porém, que o fato de ter retirado seu nome da lista de prescindíveis do PDS não significa que se ausentará do processo sucessório. Ao contrário, disse que continuará acompanhando o seu desdobramento, que, segundo ele, está sujeito a modificações. "Preocupado em somar, e não em agravar divisão, e desejo de contribuir para a conciliação nacional", Beltrão afirmou que seu nome permanecerá à disposição do PDS e da opinião pública, "para eventual consideração, se e quando as circunstâncias o justificarem".

O ex-ministro sublinhou que continuará empenhado em realizar uma pregação

nacional, com dois objetivos imediatos: o combate à recessão e a cobrança de maior legitimidade e representatividade no processo sucessório. "O Brasil não suporta mais um ano de recessão, e a abertura democrática não pode ter como desfecho a perspectiva de um presidente sem amplo apoio popular."

Beltrão, que deixou os Ministérios da Previdência e da Assistência Social e da Desburocratização ostentando o título de ministro mais popular do governo Figueiredo — popularidade confirmada recentemente numa eleição simulada promovida pelo clube de Engenharia do Rio, quando só foi superado pelo governador Leonel Brizola —, deixou claro que continua à disposição do PDS para concorrer à Presidência da República numa eleição que consagre o voto direto dos eleitores.

Apesar de defender eleições diretas para todos os níveis, o ex-ministro observou que a legitimidade e representatividade do futuro presidente da República não está necessariamente no processo, se indireto ou

direto, mas sim na escolha do candidato. E advertiu: "Vejo perigosa tendência de o processo indireto fugir à legitimidade, porque ele só se legitima quando a escolha recal no candidato que reflita essa legitimidade". Beltrão acrescentou que o "divórcio entre o voto direto e o indireto é fatal à legitimidade", condenando ainda a utilização do voto indireto de "forma arbitrária e pessoal". Na opinião do ex-ministro, "as falhas de legitimidade do colégio eleitoral são inegáveis".

Após considerar importante, "por sua postura moral", o apoio do ex-presidente Geisel à candidatura Aureliano Chaves, o ex-ministro Hélio Beltrão manifestou sua "fé na evolução do processo sucessório", não especificamente em função dos comícios e manifestações organizados pelos partidos de oposição, mas porque a eleição direta do presidente da República "é uma aspiração popular legítima". Mas, como teme que não haja eleição direta, prometeu continuar sua pregação "pela legitimidade do processo indireto".